



EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO: ESPAÇO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ELABORAÇÃO DE CURRÍCULO.

Angela Rodrigues Luiz

RESUMO

O Estágio Curricular Supervisionado, nos cursos de licenciatura, aproximam os acadêmicos do locus predominante de atuação profissional: a escola. A intervenção praxiológica nos campos de estágio propicia a formação inicial e a formação continuada de professores, uma vez que oportuniza ao acadêmico o conhecimento da realidade social, a reflexão sobre o trabalho e as atividades docentes, o dimensionamento das instituições, situando-o historicamente e em proximidade com os saberes disciplinares acumulados na graduação com vistas promover transformações necessárias na prática docente nas instituições escolares e, neste caso, nas dimensões curriculares da Educação Física. Oportuniza aos professores orientadores e supervisores o repensar de seus planejamentos, atividades, intervenções docentes, otimizando a relação entre Educação Básica e Ensino Superior, favorecendo a elaboração de currículos e seleção de conteúdos de ensino.

Palavras chave: Ensino Médio, Estágio Curricular Supervisionado, Formação de Professores de Educação Física.

ABSTRACT

The Supervised Practices, in graduation courses, the students approach the predominant locus of professional activities: the school. The fields of intervention praxiological stage provides the initial training and continuing education of teachers, since it gives opportunity to the academic understanding of social reality, thinking about the work and teaching activities, the design of institutions, situating it historically and proximity to the disciplinary knowledge accumulated in the graduation in order to promote necessary changes in teaching practice in schools and in this case, the dimensions of the Physical Education curriculum. Nurture the guiding teachers and supervisors to rethink their plans, activities, educational interventions, optimizing the relationship between Basic Education and Higher Education, encouraging the development of curriculum and selection of teaching contents.

Keywords: Secondary Education, Supervised Practices, Training of Teacher of Physical Education.

RESUMEN

Las prácticas supervisadas en los cursos de graduación, los alumnos acercarse al lugar preponderante de la actividad profesional: la escuela. La etapa de intervención praxiológico, em los campos



supervisionados, proporciona la formación inicial y formación continua de los docentes, ya que da oportunidad a la comprensión académica de la realidad social, pensando en las actividades de trabajo y la enseñanza, el diseño de las instituciones, situando históricamente y proximidad al conocimiento disciplinar acumulado en la graduación a fin de promover los cambios necesarios en la práctica docente en las escuelas y en este caso, las dimensiones del currículo de Educación Física. Se anima los maestros orientadores y supervisores a reconsiderar sus planes, actividades, intervenciones educativas, optimizando la relación entre la Educación Básica y la Educación Superior, fomentando el desarrollo de planes de estudio y selección de contenidos de enseñanza.

Palabras claves: *Educación Secundaria, Prácticas Supervisadas, Maestro de Educación Física.*

INTRODUÇÃO

Atribuir valor às vivências de estágio nas escolas e situá-lo como tema de pesquisa tem assumido significado à medida que acumulamos experiência em receber os acadêmicos estagiários, na condição de professores supervisores e posteriormente na condição de professores orientadores. Foram sete anos de atuação na Educação Básica, em parceria com a assessoria acadêmica nos momentos das atividades de planejamento e atuação docente, estes se somam ao crescente número de publicações bibliográficas no Brasil, bem como a recente expansão da oferta do número de vagas para docentes universitários que atuam diretamente nos campos de estágio. Tais elementos referendam alguns princípios que justificam e instigam o estudo e pesquisa sobre Estágio Curricular Supervisionado na formação de professores de Educação Física, enaltecendo a escola como lócus que propicia o convívio entre diversos níveis e objetivos de formação.

Esta temática tem sido abordada em uma perspectiva de pesquisa com caráter qualitativo, uma vez que articula os referenciais teórico-bibliográficos às interpretações formuladas nos campos de estágio, ações que se somam à análise documental por meio dos Planos de Ensino da disciplina, os Planos de Unidade, o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, que evidenciam os objetivos para o componente curricular Educação Física.

Temos por objetivo, no espaço deste artigo, situar a Escola de Ensino Médio como um dos níveis de ensino propícios às vivências no Estágio Curricular Supervisionado como lócus de pesquisa e intervenção praxiológica na formação inicial de acadêmicos do Curso de Educação Física, tanto quanto na formação continuada do professor supervisor e orientador do estágio.

A fim de alcançarmos os objetivos traçados neste artigo, o estruturamos em três partes: inicialmente reportaremos às situações e caracterização do estágio, da escola campo, das relações entre acadêmicos; no segundo momento abordaremos as possibilidades do estágio como espaço formativo e que instiga à pesquisa, tanto acadêmica quanto de formação continuada e, por fim, teceremos considerações que situam o estágio, o fazer docente, como elementos que constituem um currículo na Educação Física Escolar.

ACADÊMICOS E ESCOLA CAMPO: relações e apropriações



No Curso de Educação Física, modalidade licenciatura, do Campus Jataí/UFG os acadêmicos tem oportunidade de experienciar campos de atuação profissional em diversas disciplinas da matriz curricular. Atualmente, conforme Projeto Pedagógico do Curso (PPC) são destinadas duas disciplinas anuais, no terceiro e quarto ano da graduação, para a imersão nos espaços formativos da educação formal. Assim, os acadêmicos são levados às escolas, preferencialmente públicas, que compõem a Educação Básica do sistema de ensino. Estagiar na segunda fase do Ensino Fundamental e no Ensino Médio lhes são oportunizados na disciplina Estágio Curricular Supervisionado II.

Nos momentos de permanência na escola campo os acadêmicos dividem o tempo letivo em observar a atuação do professor supervisor e os alunos de uma determinada turma; realizar intervenções, ministrar aulas de conteúdos previstos no planejamento anual do professor supervisor em consonância com o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola; avaliar o processo pedagógico e a participação dos alunos nos momentos de intervenção; bem como identificar problemas de pesquisa e intervenção no ambiente escolar, além de elaborar um relatório crítico-descritivo deste percurso anual, nesta disciplina acadêmica.

Particularmente, no Curso de Educação Física da Universidade Federal de Goiás/Campus Jataí (UFG/CAJ), os acadêmicos se organizam em trios que se mantem articulados do início ao fim do estágio anual, tendo como prerrogativa estabelecer o diálogo, aproximar as vivências e promover o auxílio nos momentos de planejamento e regência, tendo em vista que cada trio observa e ministra aulas para a mesma turma de alunos na escola campo. O trabalho em trios pode ser visto como uma oportunidade de trabalho e planejamento coletivo, sem descaracterizar cada momento próprio, particular da intervenção discente.

Os acadêmicos, para os fins do estágio, frequentam a escola campo no período matutino, uma vez por semana, lá permanecendo desde as 07h00min até 11h30min, com objetivo de reconhecer a estrutura e funcionamento da escola, das aulas de Educação Física e compartilhar dos momentos de regência dos colegas da turma. A escola adequou os horários das aulas a fim de possibilitar o estágio destes acadêmicos nas turmas de 9º Ano do Ensino Fundamental, 1º, 2º e 3º Ano do Ensino Médio.

A referida escola campo está situada em uma região periférica do município de Jataí - Go. Enaltece, dentre outros aspectos contidos no PPP, a perspectiva formativa que situa a escola como um espaço de ação e reflexão, entendendo que para alcançar o ideal de homem e sociedade traçados, somos conduzidos a uma escolha esclarecida sobre 'o que ensinar', 'como ensinar', 'para que ensinar' e 'por que ensinar'. Em seus trinta anos de atendimento à comunidade recebeu alunos, inicialmente, nas quatro séries do Ensino Fundamental e, atualmente, atende, nos turnos matutino, vespertino e noturno, cerca de 550 alunos matriculados do 6º ao 9º Ano do Ensino Fundamental e de 1º ao 3º Ano do Ensino Médio, em regimes letivos semestrais e anuais.

As aulas de Educação Física nestas turmas são ministradas pelo mesmo professor que, para além do espaço da sala de aula, conta com uma quadra descoberta, outros espaços gramados, alguns sob a sombra de árvores e limitada quantidade de material esportivo, pedagógico, didático. A quadra, apesar de contar com a sinalização para futsal e vôlei, não possui postes adequados à fixação da rede para a segunda modalidade. Contudo, tais condições não tem sido fator limitante à atuação docente, tampouco ao envolvimento e participação dos alunos da escola nas aulas de Educação Física.

ESCOLA: ambiente propício à formação e pesquisa



A Educação acontece em diversos locais, situações e relações, contudo consideramos a Escola como o local propício às vivências educativas, lidamos com informação e formação, nela trabalhamos com o conhecimento. Tal perspectiva se assenta no entendimento da Escola como ambiente formativo que seleciona e apresenta os conteúdos, possibilitando “aos alunos uma compreensão de sua própria realidade e seu fortalecimento como cidadãos, de modo a serem capazes de transformá-la na direção dos interesses da maioria social”. (CORTELLA, 2008. p. 16)

Diferentes atribuições podem ser associadas ao estágio, dentre elas optamos por situá-lo, e promovê-lo junto aos acadêmicos, como espaço profícuo *de e para* pesquisa. O incentivo e valorização das pesquisas oriundas dos campos de estágio em nosso país tem como marco a década de 1990, momento em que os professores transpunham barreiras de atuação tecnicistas que privilegiam a instrumentalização técnica, para a configuração de um novo perfil docente concebido como um profissional reflexivo, que enaltece seus saberes e produz conhecimento, corroborando assim, para a ampliação e qualificação das pesquisas na educação brasileira.

Tal perspectiva desvencilhou o estágio das observações superficiais resultantes em críticas esvaziadas que, em sua maioria, fragilizavam e deturpavam a imagem da escola por captarem falhas e desvios dos alunos, professores e/ou diretores. Ao evidenciar uma nova realidade social, cultural e formativa dos espaços de estágio, os professores orientadores do estágio tem assumido o estágio, conforme Pimenta (2009, p. 40), “numa perspectiva de encaminhar propostas e soluções aos problemas estruturais, sociais, políticos e econômicos do sistema de ensino e seus reflexos no espaço escolar e na ação de seus profissionais”, dotando os estágios de um caráter investigativo que articula a área educacional específica ao campo da Pedagogia e da Didática.

Nesta perspectiva, e de modo sucinto, o estágio como pesquisa favorece a formação e atuação docente dos acadêmicos, dos professores supervisores e dos professores orientadores, à medida que promove aos estagiários a oportunidade de qualificarem seus saberes disciplinares, aqueles aprendidos e sistematizados nas disciplinas acadêmicas, em saberes docentes, contextualizados sócio-historicamente, interpretados a partir da realidade existente em meio aos estudos, a análise, a problematização, a reflexão, nas atividades elaboração, execução e avaliação de suas propostas de ensino.

Aos professores supervisores o estágio servirá como elemento motivador de sua prática docente, uma vez que ter diversos olhares atentos a sua prática o instiga a mostrar suas potencialidades, a abordagem de novos temas e conteúdos, condicionando-o assim a um processo metodológico que articula planejamento, registro das aulas, rigor metodológico, avaliação e evidências produtivas, quando os alunos demonstram aprendizagem e elaboração de conhecimento a partir da intervenção docente.

Abandona-se o conceito obsoleto de que a formação é a atualização científica, didática e psicopedagógica do professor para adotar um conceito de formação que consiste em descobrir, organizar, fundamentar, revisar e construir a teoria. Se necessário, deve-se ajudar a remover o sentido pedagógico comum, recompor o equilíbrio entre os esquemas práticos predominantes e os esquemas teóricos que o sustentam. Esse conceito para da base de que o profissional de educação é construtor de conhecimento pedagógico de forma individual e coletiva. (IMBERNÓM, 2010, p. 51).

Aos professores orientadores o estágio inspira investigações e intervenções acadêmicas, estreitando as relações, a interação, favorecendo o diálogo entre as Instituições de Ensino Superior e as



Instituições de Educação Básica. O olhar docente, por vezes, mais experiente que o do estagiário, pode contribuir para a apropriação – no sentido de se tornarem próprios dos acadêmicos –, das evidências investigativas, resultando em um processo formativo que o aproxima da realidade educacional.

Contudo, assim como alerta Imbernón (2010) a formação, ou estar na escola desenvolvendo atividades de estágio, não é o fator determinante para o desenvolvimento profissional do professor, pois o mesmo se soma ao desenvolvimento pedagógico, ao conhecimento e compreensão de si mesmo, também devemos despender atenção especial ao estágio uma vez que ele não se configura com via de acesso a uma profissionalização docente satisfatória e de sucesso, cabendo aos professores orientadores e supervisores, ponderar criticamente o aprendizado do estagiário nos momentos de estágio, evitando a imitação de modelos em situações as quais os mesmos não se aplicam, estratégia assumida por muitos e que determinam uma realidade de ensino imutável, acrítico, ahistórico.

Na escola o acadêmico tem oportunidade de pedagogizar os conteúdos aprendidos nas disciplinas acadêmicas, estabelecer relações entre estes e a elaboração da sua prática profissional, extrapolar o ambiente de estudo para experimentar a profissionalização e, dentre tantas possibilidades, se manter em formação e qualificação pedagógica, alavancando o estágio como pesquisa.

ESTÁGIO, FAZER DOCENTE, DIDÁTICA E CURRÍCULO

Nas últimas décadas, principalmente, a prática pedagógica da Educação Física vinculada aos temas de ensino advindos da Cultura, evidencia argumentos para justificar sua presença na Educação Básica. Tal prática deve estar alicerçada num fazer docente que expresse, além da determinação de uma abordagem de Educação e Educação Física, os princípios político-pedagógicos e o permanente processo de análise sobre os problemas e dificuldades encontrados no cotidiano escolar, que resultam no planejamento do currículo.

Valemos-nos das considerações delineadas por Carmo que, desde 1985, sinaliza a Educação Física

[...] como uma atividade transformadora a partir do momento em que o professor de Educação Física, principal cérebro deste conteúdo, conseguir encontrar sua identidade social á luz de uma visão histórico-cultural de classe e, no interior de sua prática desportiva e/ou educativa, a emulação do espírito crítico da denúncia, do conflito, da contra-educação, enfim, que não peça ao aluno para fazer, mas diga: “façamos juntos” e, nesta interação, o **como** e o **por que fazer** seja tônica do ato pedagógico (competência técnica). Concomitantemente ao saber fazer, apareça o **por que fazer** e quem se beneficiará desta ação teórica ou prática (consciência política). (CARMO, 1985, p. 45, grifos no original).

Deste modo, nos aproximamos das considerações acima apresentadas, por assumir que a Educação Física Escolar tem uma intencionalidade educativa, manifesta e sistematizada a partir do planejamento docente que esclarece “onde se quer chegar em termos de objetivos filosóficos e políticos” (CARMO, 1985, p. 46), materializado em aulas que promovam a organização e elaboração de novos conhecimentos, dimensionados pela competência objetiva, de caráter instrumental e, em grande medida, das competências social e comunicativa (KUNZ, 2000).

Nesta escola em específico, dada à inserção histórica-social e perfil formativo do professor supervisor na área Educação Física, os acadêmicos se depararam com um fazer docente que extrapola os



moldes tradicionalmente pensados para um professor deste componente curricular. Seu planejamento, atuação, conduta e abordagem dos temas tem contribuído para a estruturação, no ideário dos acadêmicos, de um perfil docente que materializa as várias indicações de autores e pensadores da área (CAPARROZ, 2006; BRACHT, 2003; KUNZ, 2000) no sentido de transpor a reprodução acrítica dos conteúdos.

Os alunos, nesta escola, são levados a conhecer, reconhecer e problematizar sentidos e significados dos conteúdos da Educação Física através da reflexão crítica e emancipada. Crítica significa, nesse sentido, a “capacidade de análise das condições de racionalidade na forma que possibilite uma avaliação intersubjetiva. Emancipação é a libertação do sujeito – no caso, o jovem, aluno – das condições que limitam a sua racionalidade, bem como de um agir social de forma racional”. (KUNZ, 2000, p. 43).

Neste sentido, a dinâmica de ensino aprendizagem estabelecida pelo professor supervisor desenvolve a competência objetiva dos alunos ao oportunizar que os mesmos aprendam a técnica e a tática, conheçam as regras, as formas de institucionalização e organização de um determinado jogo e/ou esporte, os elementos constitutivos e midiáticos da dança, da ginástica, do circo. Para tanto, são realizadas aulas com vivências que possibilitam aos alunos adquirir informações, treinar destrezas, aprender a agir de forma eficiente. A ampliação desta aprendizagem tem sido favorecida pela articulação crítica entre o mundo idealizado e o mundo vivido, pela análise das interações sociais, políticas ou econômicas que resultam em relações humanas pautadas pela equidade, a democracia e a solidariedade, com vistas a superar atitudes de preconceito, promovendo assim uma competência social (KUNZ, 2000).

Todo este processo de ensino e aprendizagem desemboca na materialização de uma competência comunicativa quando o aluno demonstra capacidade de expressar suas idéias, reflexões e conclusões perante um grupo, estejam estas contidas na verbalização, na escrita, no desenho ou na expressão corporal e não verbal. A junção destas três competências reafirma um perfil de formação de sujeitos autônomos, críticos e criativos.

O aluno enquanto sujeito do processo de ensino deve ser capacitado para sua participação na vida social, cultural e esportiva, o que significa não somente a aquisição de uma capacidade de ação funcional, mas a capacidade de conhecer, reconhecer e problematizar sentidos e significados nesta vida, através da reflexão crítica. A capacidade comunicativa não é algo dado, simples produto da natureza, mas deve ser desenvolvida (KUNZ, 2000, p. 31).

Em muitos momentos, durante a graduação, os acadêmicos tiveram oportunidade de reproduzir o modelo esportivista, mas nesta escola campo, de acordo com a atuação deste professor supervisor, os acadêmicos se deparam com a oportunidade e o desafio de pensar o processo de ensino. Neste sentido se vêem professores à medida que planejam uma sequência de aulas, pensam nos procedimentos metodológicos que os conduzirá ao alcance dos objetivos propostos, se mantem atentos às nuances e particularidades da turma, constituindo assim um percurso de intervenção e avaliação do seu desempenho acadêmico/docente, oportunizado no espaço tempo deste estágio curricular.

O uso da linguagem (escrita ou verbal) no processo de ensino deve ter como prerrogativa e ser orientado para que acadêmicos e alunos passem do nível de ‘fala comum’ sobre fatos, fenômenos, objetos, ideias, para o nível do discurso. Nos momentos de estudo e orientações acadêmicas, os estagiários são solicitados a elaborar e compartilhar um esboço da sequência de aulas que evidencie a elaboração dos objetivos geral e específicos, o número e sequência de aulas, a descrição dos procedimentos metodológicos e as observações com detalhes sobre o processo. O quadro abaixo se aproxima do modelo de instrumental socializado junto os acadêmicos.



OBJETIVOS	SEQUÊNCIA DE AULAS	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	OBSERVAÇÕES
-----------	--------------------	-----------------------------	-------------

A sugestão deste modelo aproxima-se ao do manual que rege os Estágios Curriculares Supervisionados do Curso de Educação Física, modalidade licenciatura, bem como toma de empréstimo a sugestão de sistematização adotada pelos professores em formação continuada na Rede Municipal de Ensino de Uberlândia-MG que, conforme Crozara e Caixeta (2007) pode ser identificado por meio da expressão Estratégia de Ensino, definida como

a sistematização escrita do planejamento (o que, onde, com quem, para que...) de uma sequência de aulas destinadas ao desenvolvimento de um tema, buscando dar sentido e significado ao processo metodológico de ensino – orientado pela lógica da reprodução, modificação e re-criação – e explicitar as relações estabelecidas no processo de formação com as categorias constituintes da vida social, presentes em toda produção de conhecimento humano (produtiva, simbolizadora e social). (p. 2).

A adoção de uma perspectiva ou percurso crítico não se estabelece pela ‘escolha’ de uma determinada abordagem de Educação Física, unicamente pela via do discurso, mas pela incorporação de princípios políticos-pedagógicos fundamentados e refletidos à luz de tudo aquilo que o professor já faz, ou sabe fazer, entendendo seu planejamento, sua permanente análise dos problemas e dificuldades encontrados no cotidiano escolar como produção de currículo.

O fazer docente deste professor supervisor, sua didática, seu planejamento e peculiaridade em abordar os temas e conteúdos nas aulas de Educação Física, nos faz compreender a perspectiva crítica de elaboração de currículo engendrada por Domingues (1988) que afirma

Fazer currículo começou a desvelar-se para mim mais como um empreendimento humanístico, uma situacionalidade educador-educando, dialógica e problematizadora, mediatizada pela proposta cultural de uma sociedade que também é temporal e tem um ritmo histórico, do que como um conjunto de problemas técnicos a serem resolvido dentre de um esquema teórico que se pretende impor de fora para dentro. (p. 20).

Ainda que muitos professores, nas escolas, não se assumam como efetivos produtores de currículo, eles o fazem na medida em que perpetuam certas regularidades identificáveis e favoráveis ao processo de ensino aprendizagem de um determinado conteúdo. Assim, conforme salienta Nereide Saviani quando buscamos explicações para as “transformações ocorridas em uma disciplina ao longo do tempo”, possibilitando, com isto a identificação dos ‘fatores mais diretamente ligados às mudanças de conteúdo e métodos de ensino’ – podem propiciar a ‘articulação de propostas mais consistentes de alteração ou implementação de mudanças curriculares” (SAVIANI, 2006, p. 23, grifo no original).

Quando o professor se compromete com a metodologia de ensino e aprendizagem, rompe com os modelos produzidos por uma ‘elite pensante e distante da escola, que determina uma prática docente técnica, que aplica instrumentos, que realiza um trabalho sem sentido e significado e o deixa descompromissado com o alcance de objetivos que não ajudou a traçar. Assim, “as ações de planejar, executar e avaliar não podem ser relegadas a planos secundários, elas não podem ser reduzidas a



atividades rotineiras e com objetivos de atender os anseios dos administradores escolares; elas devem ser assumidas como fases importantes do processo de ensino-aprendizagem”. (CARMO, 1985, p. 48).

PALAVRAS FINAIS

Quando compreendemos que o exercício/fazer docente não é linear e que dele depende nossa habilidade para descrever, explicar, problematizar e transformar a realidade cotidiana, deixamos de nos afastar da apropriação crítica e reflexiva de elaboração do conhecimento, produzido a partir do nosso objeto de ensino. Esta constatação implica em reconhecermos nossa capacidade investigativa como elemento potencializador do fazer docente, como elemento que propulsiona a uma atuação pautada na pesquisa, na inovação, no diálogo, no registro das experiências, nos estimula também em assumir a disposição para novos aprendizados.

Conscientes da dimensão ampla que abarca o universo escolar, sinalizamos conclusões provisórias no sentido de interpretar o saber escolar como instância em constante movimento e construção, bem como por considerar seu potencial formativo para o professor. A atenção voltada para precisar o papel da educação escolar no que se refere à produção de saberes, à formação docente, às investigações acadêmico-científicas, trás implícita ou explicitamente, a admissão das peculiaridades que esse *locus* de formativo produz. A escola e o estágio encerram dimensões infinitas que podem ser tomadas em suas particularidades, assim como optamos neste momento por valorar suas potencialidades frente ao processo de formação inicial e continuada de professores de Educação Física no cenário jataíense.

Valorizar as oportunidades de parceria entre escola e universidade, determina produções do conhecimento situadas na leitura da realidade social. O momento de estágio caracteriza-se pelo diálogo interinstitucional, dialogo que não se finda junto ao ano letivo, nem se renova com chegada de uma nova turma de acadêmicos estagiários que procuram a escola. São intervenções espiraladas, contextualizadas sócio historicamente, que promovem a emancipação humana e elaboram conhecimento. O movimento repetido e ahistórico desfavorecem a parceria, caracteriza o pacto e não estimula novas pesquisas.

Os objetivos delineados pelo professor de Educação Física para a formação dos alunos do Ensino Médio da escola campo, se aproximam daqueles vislumbrados por centenas de professores que se reúnem, com periodicidade bianual, nos encontros regionais e/ou nacionais de didática para articular atuações docentes que atendam aos “objetivos maiores da educação escolar: a aprendizagem da cultura, da ciência, da arte, da cidadania, dos meios de pensar, para todos os alunos” (PIMENTA; LIMA, 2009, p. 71).

Tais objetivos devem ressoar no processo de formação humana e profissional dos alunos da escola e dos acadêmicos, uma vez que a prática pedagógica da Educação Física deve construir novos argumentos que ressignifiquem e justifiquem sua presença na escola, em função de saberes escolares que lhe são específicos, evidenciando uma identidade curricular que não a subordine aos outros componentes. O trato da Cultura, em suas manifestações corporais, seja pela dança, pela ginástica, esporte, lutas, deve sustentar-se pelas três competências (objetiva, social e comunicativa) que reafirma um perfil de formação de sujeitos autônomos, críticos e criativos.

Entendemos que o debate sobre as possibilidades formativas das escolas deve resultar de uma permanente reflexão sobre a realidade educacional, seja em âmbito escolar e/ou acadêmico, sistematizados em estudos e pesquisas que visam à reformulação do fazer docente com vistas ao alcance



de avanços teórico-práticos, quando da transposição dos conhecimentos científicos em saberes escolares. Este processo se faz constante e deve buscar alternativas que referendam o trabalho docente, sua autonomia político-pedagógica e sua autoria na produção de currículo.

Assim como alerta Carmo (1985) “é necessário o professor resgatar para o interior de sua prática o compromisso social. Sua atividade é um espaço de luta e como tal deve ser bem aproveitado. A luta pela excelência do conhecimento veiculado, pela busca de novas maneiras para facilitar ou despertar a necessidade de aprender no aluno é tarefa difícil mas deve ser cultivada” (p. 48). Nos comprometer com a escola e assumir-se como professor, neste sentido, deve ser tarefa dos acadêmicos, dos professores supervisores e orientadores, perspectivando o compromisso social que assumimos desde nossa opção em graduarmos para a profissão docente.

REFERÊNCIAS

BRACHT, Valter; ALMEIDA, F. Q. A Política de Esporte Escolar no Brasil: a pseudovalorização da Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v.24, n.3, 2003. p. 87-101.

CAPARRÓZ, Francisco Eduardo (Org.). **Educação física escolar: política, investigação e intervenção**. Vitória: Proteoria, 2001. v. 1.

CARMO, Apolônia Abadio do. **Educação Física: competência técnica e consciência política em busca de um movimento simétrico**. Uberlândia: UFU, 1985.

CORTELLA, Mário Sergio. **A Escola e o Conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

CROZARA, Margareth Guitarrara Nirshl; CAIXETA, Sara da Silva. Educação Física, Corporeidade Humana e o Saber Escolar no Currículo. In: XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte; II Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2007, Recife – PE. **Anais: XV CONBRACE; II CONICE**, 2007. p. 1-12.

DOMINGUES, José Luiz. **O Cotidiano da Escola de 1º Grau: o sonho e a realidade**. São Paulo: EDUC, 1988.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação Docente e Profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

KUNZ, Elenor. **Transformações Didático-Pedagógicas do Esporte**. 3 ed. Ijuí: Unijuí, 2000.

PIMENTA, Selma Garrido. **O Estágio na Formação Docente: unidade teoria e prática?** 7 ed. São Paulo: Cortez, 2006.



PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria do Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SAVIANI, Nereide. **Saber Escolar, Currículo e Didática**. 5 ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

Angela Rodrigues Luiz, Mestre em Educação - Curso de Educação Física/UFG/Campus Jataí
angela_rodriguesluiz@yahoo.com.br

Endereço:

Universidade Federal de Goiás/Campus Jatobá

Curso de Educação Física

Rodovia BR 364, Km 192

CEP:75801-605 Jataí-GO

Recurso Tecnológico: Datashow e Tela.